

27.03.22
→ 19h00

T A

G V

DIA MUNDIAL DO TEATRO
TEATRO

Damas da Noite,
Uma Farsa de
Elmano Sancho



Elmano Sancho evoca a conflituosa reviravolta de expectativas em torno do seu nascimento para levantar o véu de Damas da Noite: os pais esperavam uma menina, de nome já destinado, Cléopâtre, mas nasceu um menino. O encenador pretende assim dar vida a esse outro desejado de si mesmo, como se este fosse uma espécie de duplo e existisse numa realidade paralela que Damas da Noite encena. Para erguer essa figura ficcionada chamada Cléopâtre, Elmano Sancho imergiu no mundo fascinante e provocador do transformismo. Os artistas transformistas “vestem a pele de um outro, tentam ser um outro”. São “flores que abrem de noite”, intérpretes de uma transformação “pautada pela transgressão, o desconforto, a ambiguidade, a brutalidade dos corpos e a violência das emoções”. Através dessa interpretação paradoxal da diferença, Damas da Noite explora a presença ou ausência de fronteiras entre realidade e ficção, ator e personagem, homem e mulher, teatro e performance, tragédia e comédia, original e cópia, interior e exterior, dia e noite. Nesse jogo de relações, aposta-se a identidade como matéria fluida, “rimbaudiana”, revelando o outro que somos, o estrangeiro que albergamos.

Antes de pertencer a um determinado sexo, o ser humano era híbrido. No livro do Génesis (1:27), Ad o teria sexo de homem e de mulher. No plano físico, o primeiro ser humano seria duplo: Deus terá criado Eva a partir da natureza feminina de Adão. No Banquete de Platão, Aristófanos evoca o mito do andrógino primitivo: não existiam dois géneros diferenciados mas uma espécie de ser unificado. Os seres andróginos, orgulhosos da sua dupla natureza, da sua força e do seu poder, desafiaram os deuses e escalaram o Olimpo, a montanha onde viviam os imortais. Como castigo, Zeus separou o género masculino do feminino. O umbigo seria a marca física dessa separação.

Separado do Outro, o ser humano contemporâneo é incapaz de especificar o objeto da sua falta e de encontrar a razão de se sentir incompleto. Vê o mundo através do Outro sem nunca conseguir ser o Outro: a separação é um ato primitivo inerente à existência. Para dar vida ao seu alter ego feminino, Elmano Sancho foi ao encontro das *drag queens*, as damas da noite, flores que abrem ao anoitecer e exalam um perfume inebriante. Esta imersão no mundo do transformismo pretende dar corpo, voz e vida a esta menina desejada pelos pais mas que não chegou a nascer e explorar as fronteiras entre realidade e ficção, ator e personagem, homem e mulher, teatro e performance, tragédia e comédia, original e cópia, interior e exterior, dia e noite.

O confronto de todos os intérpretes com o seu “disfarce feminino” — máscara que revela uma verdade e colmata uma ausência — e a sua consequente exposição ao público recorda-nos, antes de mais, que estamos na presença de atores que praticam a sua arte através de um duplo discurso: o transformismo revela os artifícios e mecanismos da Arte Teatral e reafirma a posição do espetador. Este sabe que está a assistir a um espetáculo onde o tema principal é o próprio teatro e a representação em todas as suas camadas complexas. Tudo é artifício: não há corpo natural, não há desejo natural, não há aparência natural, não há jogo natural.

O que resta desta transformação inacabada é o corpo em busca de uma alteridade. Só então o teatro adquire autenticidade: o mundo da ficção desaparece, a personagem cede lugar à realidade complexa do ator/ser humano e o palco torna-se o lugar onde a troca entre os intérpretes e o público é feita sem designações nem máscaras.

Elmano Sancho, Encenador

Texto e encenação Elmano Sancho **Interpretação** Dennis Correia aka Lexa Black, Elmano Sancho, Pedro Simões aka Filha da Mãe, Marie Carré (em vídeo) **Espaço cénico** Samantha Silva **Desenho de luz** Alexandre Coelho **Técnico de luz** Pedro Nabais **Fotografia** Sofia Berberan **Assistência de encenação** Paulo Lage **Figurino de Elmano Sancho** Olga Amorim **Figurino de Filha da Mãe** Guilherme Gamito **Figurino de Lexa Black** Dennis Correia João Maria Oom **Produção executiva** Nuno Pratas **Coprodução** Teatro Nacional D. Maria II, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Culturproject, Loup Solitaire, Teatro Nacional São João **Parcerias** Abraço, Acegis, Associação Plano I **Projeto financiado** República Portuguesa - Ministério da Cultura/DGArtes

Local auditório TAGV **Duração aprox.** 1h00 **M16**

laboratório LIPA 27.03.22
15h30

I Can´t Breathe
Damas da Noite, Uma Farsa de Elmano Sancho
A Última Estação
Apresentação do livro com Elmano Sancho e Eugénia Vasques
Dia Mundial do Teatro

Elmano Sancho foi nomeado melhor ator de Teatro para os Globos de Ouro com “Não se Brinca com o Amor” (2012), “Herodíades” (2013), “A Estalajadeira” (2014), “Display” (2018) e “Lulu” (2021) e para os prémios SPAAUTORES com “Não se Brinca com o Amor” (2012), “O Campeão do Mundo Ocidental” (2014) e “Lulu” (2020). Estreou-se, como encenador, com “Misterman” de Enda Walsh (prémio de melhor ator da SPAAUTORES/2015). Com “I Can´t Breathe” recebeu a menção especial do prémio da crítica da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro - APCT/2015. Foi bolseiro da DGLAB em 2018 com “A Sagrada Família”. Em 2018, recebe o prémio Mirpuri Carlos Avilez com “A Última Estação”. É diretor artístico da companhia Loup Solitaire. Elmano Sancho tem o curso de Formação de Atores da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC). Estudou em Madrid (Real Escuela Superior de Arte Dramático - RESAD), São Paulo (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP), Paris (Conservatoire National Supérieur d’Art Dramatique de Paris - CNSAD) e NY (SITI COMPANY/Anne Bogart). É também licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto e em Tradução pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O primeiro texto, “I Can´t Breathe” (2015), foi escrito durante os ensaios. Através de entrevistas e improvisações com a atriz Ana Monte Real e o próprio autor-ator Elmano Sancho, constrói-se um guião que apresenta algumas características dos filmes pornográficos. “I Can´t Breathe” poderia ser o título de um filme para adultos. O texto revela a incapacidade em respirar numa sociedade contemporânea que tende à uniformização e que insiste em revelar e acabar com os mistérios da vida e da alma humanas. O processo de trabalho em “Damas da Noite, Uma Farsa de Elmano Sancho” (2019) foi muito semelhante; o texto surge da necessidade em dar vida a Cléopâtre, sob o olhar atento das *drag queens-performers* do espetáculo. Juntos, os intérpretes dão nome, corpo e voz a uma pessoa-personagem que nunca existiu e que vem anunciar ao mundo uma (boa?) nova. Em “A Última Estação” (2018), o autor parte da Paixão de Cristo e das Estações da Via Sacra para a construção do texto. Há aqui uma nova abordagem: a simbologia cristã como inspiração para a estrutura dramática e cénica. A XV e última estação, A Ressurreição, poderá ser, em certa medida, um dos motes da escrita dos textos teatrais de Elmano Sancho: a urgência de se reinventar a cada novo instante.

A coleção Dramaturgia da Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) acolhe alguns dos textos para teatro associados às atividades desenvolvidas no TAGV/Laboratório LIPA. Com esta coleção a IUC pretende contribuir para a afirmação de novos autores e promover a escrita para teatro em Portugal. Os volumes editados em parceria com o TAGV/Laboratório LIPA encontram-se também para venda no Teatro Académico de Gil Vicente.

Autor Elmano Sancho **Posfácio e apresentação do livro** Eugénia Vasques **Coleção Dramaturgia** Laboratório LIPA, Imprensa da Universidade de Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente **Editora** Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) **Apresentação** TMDMII 9 abril

Local café TAGV **Duração aprox.** 1h00 **Para** todos os públicos **Entrada** livre (lotação limitada)

